O GLOBO

PROSA & VERSO

SÁBADO, 22 DE MARÇO DE 2008

Artigo: *Desabafo de um ex-editor sobre o futuro do mercado* • 3

Infantil: *José Mindlin conta sua história para as crianças* • 6

Arquivo



SOBREVIVENTES do campo de extermínio de Auschwitz, na Polônia: a história de crianças roubadas pelos nazistas inspirou Nancy Huston

A canadense Nancy Huston faz sucesso com romance sobre quatro gerações de uma família

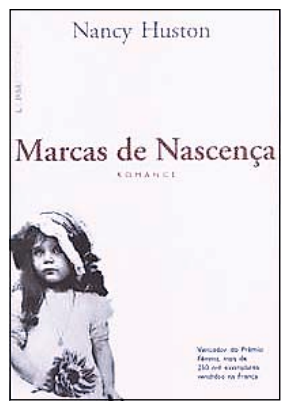
Marcas do tempo

Deborah Berlinck

Correspondente • PARIS

Não é qualquer um que consegue esta proeza. Uma canadense nascida em Calgary — parte anglófona — faz sucesso escrevendo em francês. Logo na terra de Molière e de tantos escritores. Nancy Huston, radicada na França, conseguiu isso. Depois de publicar seu primeiro romance em 1981, "Les Variations Goldberg", Nancy acumula sucessos na França e no mundo. Em 2006, foi finalista do Prêmio Goncourt, o mais prestigiado da França, e ganhou o Prêmio Fémina por "Marcas de nascença", seu 11º romance, cujos personagens têm tudo a ver com os EUA, e nada com a França. Lançado pela editora gaúcha L&PM em dezembro, o livro dessa autora até agora desconhecida no Brasil já está na terceira edição.

Quatro crianças de seis anos de idade são as narradoras do romance. Pertencem a uma mesma família, de gerações sucessivas. O livro, narrado de trás para frente, começa com a história de Sol, na Califórnia, em 2004; continua com Randall (pai de Sol), em 1982; depois Sadie (avó de Sol), em 1962, e termina com Kristina (ou Erra, bisavó de Sol), na Alemanha nazista de 1944. No final, revela-se um grande segredo de família.

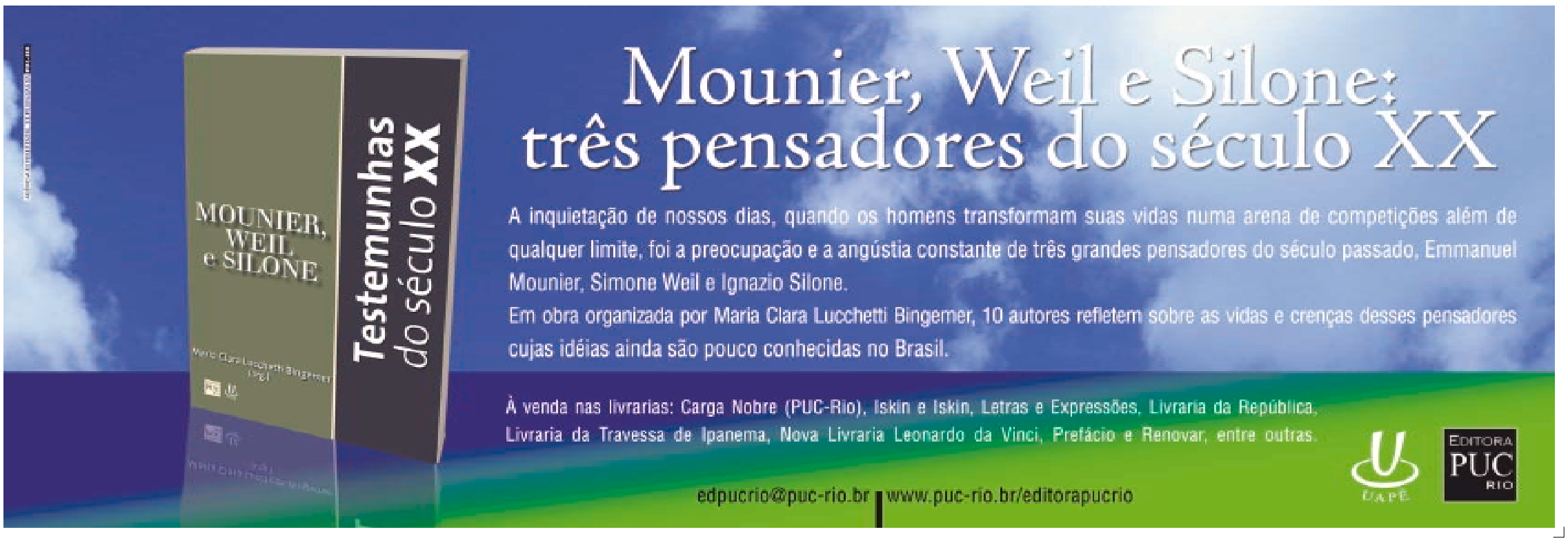


Em entrevista ao GLOBO, a escritora de 55 anos conta que a principal inspiração de seu romance foram as milhares de crianças roubadas pelos nazistas dos países que eles invadiam. Nancy tomou conhecimento da história no livro de Gitta Sereny, "O trauma alemão — Experiências e reflexões 1938-2001" (lançado no Brasil pela Bertrand em 2007) e conta ter ficado profundamente chocada. Os nazistas selecionavam as crianças com base na cor, tamanho e inteligência, para transformá-las em alemãs de raça ariana. Tudo fazia parte do programa nazista de Heinrich Himmler. Foram 250 mil crianças arrancadas da Polônia, Ucrânia e de países bálticos.

"Marcas de nascença" se inspirou nisso. Mas o livro vai além. Através da história da família, Nancy faz o leitor mergulhar numa reflexão sobre tudo: a construção da identidade de uma pessoa, a sociedade americana de hoje, a questão árabe-israelense, nazismo, fanatismo religioso. Sol, o menino californiano, vive brincando de guerra. Ele é filho de um pai judeu (Randall) obcecado com os atentados de 11 de Setembro e que tem um discurso americano patriótico, antiterrorista e antiiraquiano. A mãe, Sadie, católica fervorosa, é uma historiadora que vai se converter ao judaísmo e fazer toda a família se mudar para Haifa (Israel). Lá, todos vão se confrontar com um momento particularmente tenso da história árabe-israelense: a primeira guerra no Líbano, quando palestinos foram massacrados nos campos de refugiados em Sabra e Chatila sob o comando de Ariel Sharon. O livro, portanto, é extremamente atual.

Na entrevista, a escritora de 55 anos fala do livro, de literatura e do seu passado ativista de esquerda feminista. Ela critica a esquerda de hoje por ter se perdido no liberalismo econômico. Mas diz que se arrepende de ter saído às ruas para defender regimes de esquerda que se mostraram depois terríveis ditaduras, como no Camboja. Para Nancy, as mulheres de hoje ainda estão longe de conquistarem a igualdade. A escritora ainda bate forte nos filósofos homens, dizendo que eles têm uma concepção "estranha" do ser humano porque nunca passaram tempo em creches.

Continua na página 2



MARCAS DO TEMPO • *Continuação da página 1*

'Não somos ninguém quando nascemos'

Escritora diz que seu romance estuda a maneira como as pessoas adquirem suas convicções políticas

ENTREVISTA
Nancy Huston

Deborah Berlinck
Correspondente • PARIS

John Foley/Opale/Divulgação



NANCY HUSTON, ex-militante feminista, desencantada com a esquerda hoje: "Chegando à idade adulta, cada geração está pronta a partir para a guerra para morrer ou matar por ideais"

O GLOBO: *A senhora evocou em "Marcas de nascença" assuntos como nazismo e fanatismo religioso. Como concebeu este livro?*
NANCY: Não é um livro sobre o nazismo. O que me interessou foi o programa nazista de Heinrich Himmler *(o roubo de crianças de outros países pelos nazistas)* porque trata da questão da identidade: como uma criança se reconstrói quando ela vai ter novos pais, nova família, nova religião, novo país, nova língua. É um livro sobre como somos construídos, sobre a formação da nossa identidade. Não somos ninguém em particular quando nascemos. Recebemos elementos dos nossos pais, da cultura e do nosso país. Chegando à idade adulta, cada geração está pronta a partir para a guerra para morrer ou matar por ideais. Meu romance estuda a maneira como as pessoas adquirem suas convicções políticas.

• *O que a inspirou?*
NANCY: A história das crianças roubadas pelos nazistas, que descobri lendo o livro de Gitta Sereny ("O trauma alemão"). Eu nunca tinha ouvido falar de 250 mil crianças roubadas e fiquei pasma ao descobrir que algo tão grande assim escapou ao meu conhecimento.

• *Seu livro é também uma espécie de romance político, com uma posição crítica em relação à criação de Israel.*
NANCY HUSTON: Não é um romance que critica o Estado de Israel. É um livro que mostra diferentes pontos de vista. Há quem adore o Estado de Israel e ache que *(sua criação)* é fundamental e importante. E quem deteste o Estado de Israel. Essa é a realidade!

• *O primeiro capítulo do livro conta a história da criança americana com seus jogos de violência. É esta a imagem que a senhora tem da América de George W. Bush?*
NANCY: É difícil generalizar sobre a América. Há 50% dos americanos que votaram contra Bush. Neste capítulo eu tentei imaginar a cabeça de uma criança que tenta ver um sentido nas mensagens contraditórias que recebe. Através da Igreja e de sua mãe, ela ouvia que tinha que ser dócil e gentil, boa, generosa e dar ao próximo. Por outro lado, vivia num país com uma indústria de armamentos multibilionária e uma cultura de extrema violência nos filmes etc.

• *A denúncia da violência é muito importante para a senhora?*
NANCY: Escrevi um ensaio há mais de 20 anos sobre guerra e prostituição. Mas não tento denunciar violência nos meus romances. Um romance é feito para compreender. É claro que não gosto de guerra. Mas como ela existe, tento compreender como ela funciona, como pessoas começam a se odiar e como o ódio é implantado numa criança. São coisas que começam na infância. A criança recebe tudo através do corpo e das emoções, sobretudo, dos pais. Quando vemos os pais em momentos de confusão e pânico, isso afeta terrivelmente as crianças. E pode-se imaginar as crianças na Palestina e em Israel hoje, que vêem seus pais aterrorizados, que assistem ao desmoronamento de suas casas e coisas do tipo. É claro que isso vai gerar pessoas violentas amanhã.

• *A senhora esteve na Palestina e em Israel?*
NANCY: Fui fazer pesquisa para o livro em Gaza, Nablus (território ocupado da Cisjordânia), Haifa, Tel Aviv, Jerusalém. É extremamente impressionante.

• *Como a senhora fez para entrar em Nablus ou Gaza?*
NANCY: Eu tinha recebido um convite para dar uma palestra em Jerusalém. Não me interessava ir só para falar como escritora. Achava indecente, diante das dificuldades das pessoas lá. Então disse que só iria se tivesse um projeto de trabalho. Quando decidi por este projeto *(o romance "Marcas de nascença")*, escrevi à mulher que havia me convidado, pedindo que obtivesse permissão para que eu fosse a todos estes lugares. Fui para lá, oficialmente, numa missão do governo francês. Nos territórios palestinos pude encontrar informalmente com intelectuais e jornalistas para discutir.

Reuters/Ibraheem Abu Mustafa



PALESTINA CHORA no enterro do irmão, morto por tropas israelenses na Faixa de Gaza: Nancy Huston visitou a região para escrever seu livro

• *Sua obra tem dois temas recorrentes: música e exílio. Por quê?*
NANCY: Não há apenas dois temas. Amor e maternidade são outros assuntos recorrentes. Evidentemente, eu falo do que me interessa, me toca e o que me parece problemático.

• *A senhora tem um passado marcado pelo feminismo. O que a senhora acha da situação da mulher hoje?*
NANCY: Cifras e estatísticas respondem bem a esta pergunta. Estamos muito longe de ter uma igualdade. Não milito mais nos movimentos de mulher. Mas acho que o feminismo é essencial. Meu feminismo não é de ódio ou de ressentimento. É aquele que busca revalorizar tudo o que as mulheres fizeram. As mulheres têm muito o que ensinar e não apenas o que aprender com os homens. Estou convencida de que a opressão das mulheres vem muito do fato de que os meninos passam grande parte de seus primeiros anos de vida nos braços e sob o poder das mulheres. Isso faz com que eles tenham a necessidade de se vingar mais tarde.

• *Qual a solução para as mulheres, então?*
NANCY: Uma das grandes soluções é que os homens se ocupem mais das crianças quando são pequenas. Isso vai ajudar os homens a adquirirem um sentido justo da vida, porque vão ver como pequenos seres humanos se tornam alguém mais tarde, como emergem e aprendem a linguagem. A filosofia ocidental tem uma idéia muito estranha e falsa do que seja um ser humano, porque os filósofos não passam tempo suficiente nas maternidades e nas creches. Os filósofos deveriam ser obrigados a fazer um estágio de seis meses numa creche e num país do Terceiro Mundo.

• *A senhora é uma mulher de esquerda, mas é crítica em relação ao movimento.*
NANCY: Nunca dou minhas opiniões políticas em público. Mas digo e acho que foi muito estúpido abraçar a causa do comunismo quando tinha 20 anos, e de cantar ou bradar *slogans* do tipo "Hô, Hô, Hô Chi Minh!" *(líder comunista vietnamita)*. Quando vemos o desastre que o comunismo causou no Vietnã e no Camboja, temos vergonha de ter dito coisas tão bestas. Na França o esquerdismo praticamente desapareceu e a esquerda não tem mais programa. Todo mundo aceitou como evidência o liberalismo à la americana.

• *A senhora hoje aceita o liberalismo à la americana?*
NANCY: O que quero dizer é que nós esquecemos o problemas fundamental, que é uma desigualdade econômica gritante. Todo mundo parece aceitar que estamos numa sociedade de consumo e que é preciso dar às pessoas objetivos puramente econômicos. Esquecemos que há outros objetivos na vida. Fazemos sacrifícios onde acho mais grave: corta-se no orçamento da educação, da cultura. E, com isso encoraja-se a estupidez.

• *A senhora votou em Ségolène Royal (candidata presidencial derrotada)?*
NANCY: Não digo em quem votei. Mas não votei em Nicolas Sarkozy *(atual presidente da França)*!

• *A senhora nasceu no Canadá anglo-saxão. Por que escolheu o francês como língua literária?*
NANCY: Eu falava bem quando cheguei a Paris, porque havia estudado francês na escola. Escolhi porque conseguia escrever em francês melhor do que em inglês, embora também escreva em inglês. Vários de meus romances foram escritos em inglês e traduzidos por mim mesma para o francês. É o caso de "Marcas de nascença".

• *O que a escrita representa para a senhora?*
NANCY: Estou agora corrigindo um pequeno ensaio chamado "L'espèce fabulatrice", que termina com um elogio à ficção literária. Estou persuadida de que os seres humanos estão invadidos pela ficção, sem saber. Tudo o que nos contam sobre nação, religião, família, é para que construamos um personagem. São ficções pobres e que podem ser nefastas e perigosas. Quando um país se sente em perigo ou humilhado, reativa-se algo do tipo "nós somos os bons, eles são os maus". Isso é a ficção de base da espécie humana. Já a ficção literária tem algo de formidável: não se apresenta como uma verdade eterna, mas sim como uma ficção. E com isso deixa o lugar para a ambigüidade, contradição, complexidade e situações com mais nuances do que "eu e nós". A ficção literária nos encoraja a nos identificar com pessoas que não se parecem conosco. É por isso que acho que a literatura é essencial. Escrever é a minha vida. Preciso viver com meus personagens, com pessoas que falam na minha cabeça. Escrever é necessário para empurrar a fronteira do real.

• *É preciso então escrever ou ler para sair do mundo da ficção?*
NANCY: Isso ajuda muito. Não podemos nunca sair desta ficção, porque somos constituídos por ela. Faz parte do ser humano contar histórias e crer nelas. É a história que nos contam que ajuda a nos construirmos e ler os outros. Mas lendo romances e vendo filmes temos acesso a outras culturas e a outras formas de ver o mundo. Isso nos dá uma distância preciosa em relações às ficções que recebemos e pode contribuir a melhor compreender os outros. ■

RODAPÉ

AGENDA

• **SEGUNDA, 24:** "Arte brasileira e filosofia", organização de Rosa Dias, Gaspar Paz e Ana Lúcia de Oliveira, às 19h, Travessa (Shopping Leblon); "Educação musical", de José Henrique Nogueira, às 19h, Espaço Rio Carioca (Rua das Laranjeiras 307).

• **TERÇA, 25:** "Manual da Mídia Legal 5", da ONG Escola de Gente, no anexo do Palácio Guanabara, às 18h; "De cabeça baixa", de Flavio Izhaki, às 20h, Argumento (Dias Ferreira 417); "Judite no país do futuro", de Adriana Armony, às 19h30m, Travessa (Shopping Leblon).

• **QUARTA, 26:** "O século de Silvestre da Silva", de Sérgio Nazar David, às 19h, Timbre (Shopping da Gávea).

• **QUINTA, 27:** "Ponha-se na rua — Fatos e curiosidades sobre o Rio de Janeiro de D. João VI", com fotos de Ricardo Siqueira e textos de Adriano Belisário e Guilherme Amado, às 19h, Cinemathèque Jam Club (Voluntários da Pátria 53); "Evidências do real", de Susan Willis, às 14h, auditório Guimarães Rosa da Faculdade de Letras da UFRJ (Fundão); "O tempo da beleza — Consumo e comportamento feminino, novos olhares", de Letícia Casotti, Maribel Suarez e Roberta Dias Campos, às 18h30m, Senac Rio (Pompeu Loureiro 45).

• **SEXTA, 28:** "Paulo Egydio conta — Depoimento ao CPDOC-FGV", com palestra de Paulo Egydio, às 17h30m, FGV (Candelária 6, auditório).

• ENCONTROS DO SUBSOLO

A psicanalista Regina Navarro Lins e o antropólogo Rolf de Souza discutem os novos papéis do homem e da mulher na série Encontros do Subsolo, da Leonardo Da Vinci (Rio Branco 185), dia 26, às 18h30m, com mediação de Daniela Name.

• NOVOS DE PORTUGAL

O Real Gabinete Português de Leitura abre inscrições para o curso "Os novíssimos da literatura portuguesa", com Luís Maffei e Sebastião Edson, professores da UFRJ e membros do Pólo de Pesquisa sobre as Relações Luso-Brasileiras. As aulas, em abril, serão às quartas-feiras, das 14h às 17h (Luis de Camões 30. Tel: 2221-3138).

• D. JOÃO NO PEN CLUBE

A partir da quarta, dia 26, o PEN Clube do Brasil (Praia do Flamengo 172/11º andar) apresenta o Ciclo de Conferências D. João e a Corte Portuguesa no Brasil, coordenado pelo professor Paulo Roberto Pereira.

A B D E G H